

## *A Kafka high: por uma ontologia plana na comunicação*<sup>1</sup>

Gabriel Pio NONINO<sup>2</sup>

Lennon Pereira MACEDO<sup>3</sup>

Alexandre Rocha da SILVA<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

O presente artigo tem como proposta discutir o estatuto de uma ontologia plana para colocá-la em funcionamento no campo da comunicação. Para isso, revisamos o realismo especulativo de Levi Bryant e o perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro e comparamos a maneira diferente que cada um propõe para se achatar o plano ontológico. A título de exemplificação de como funciona uma ontologia plana, analisamos o filme *Mistérios e paixões*, do diretor David Cronenberg. Ao fim, esboçamos algumas consequências epistemológicas que uma planificação ontológica opera no campo da comunicação.

**Palavras-chave:** comunicação; ontologia plana; epistemologia; perspectivismo; cinema.

*“Bill Lee: What do you mean, ‘it’s a literary high?’  
Joan Lee: It’s a Kafka high. You feel like a bug.”  
(Naked Lunch, 1991)*

### 1. Introdução

No filme *A bela e a fera* (1991), uma jovem adentra uma mansão repleta de objetos falantes - portas, xícaras, velas... - e um monstro, tão bestial na aparência, mas com a elegância de um lorde. Ao longo do filme descobrimos que todos aqueles seres inusitados são, na verdade, humanos, gente como a gente, que sofreram uma terrível maldição, sendo tirados de sua humanidade e rebaixados a meros objetos ou, no caso do patrão, a uma terrível besta. Não nos faltam exemplos da história do cinema que evidenciem como o humano se estabeleceu como o ser ontologicamente superior, relegando aos animais e objetos um destino banal e menor.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática IJ08 Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do curso de Jornalismo da FABICO/UFRGS, bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC/CNPq, email: gptonino@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da FABICO/UFRGS, email: lennon-macedo@hotmail.com

<sup>4</sup> Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação de Comunicação Social da FABICO/UFRGS, email: arsrocha@gmail.com

Assim, nosso artigo busca uma relação entre a comunicação e um paradigma pós-humanista. Sendo o pós-humano "a condição humana promovida pelo estado de coisas vigente" (FELINTO, SANTAELLA, 2012, p. 35), poderíamos pensar o pós-humanismo enquanto "um momento histórico em que o descentramento do humano por sua imbricação em redes técnicas, médicas, informáticas e econômicas tornou-se crescentemente impossível de ser ignorado, um desenvolvimento histórico que aponta para a necessidade de novos paradigmas teóricos" (WOLFE apud FELINTO, SANTAELLA, 2012, p. 25). O pós-humanismo desses autores não rechaça por completo o humanismo, que "fixou a imagem do homem em uma elaboração imóvel" e "imutável" (FELINTO, SANTAELLA, 2012, p. 133), mas pensa em termos de uma condição humana levada a outro patamar ontológico.

A fim de alcançarmos uma ontologia<sup>5</sup> plana que responda aos anseios pós-humanistas, explicaremos o conceito de ontologia plana a partir de dois autores: o filósofo estadunidense Levi Bryant e o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro. Nossa proposta aqui é fazer uma crítica ao achatamento ontológico proposto por Bryant a partir do modo de existência ameríndio, descrito por Viveiros, que também coloca em funcionamento um achatamento ontológico, mas com algumas peculiaridades no que tange ao status de cada actante. A partir do avanço teórico que tal crítica irá operar no conceito de ontologia plana, analisaremos o filme *Mistérios e paixões* (1991), de David Cronenberg, para exemplificar o funcionamento de uma ontologia plana, visto que, na película, há figurações de seres que operam sem hierarquia ontológica, ou seja, todos possuem capacidade de afetar e ser afetado por todos os outros seres da relação.

Acreditamos que uma ontologia planificada tem o poder de reconfigurar diversas disciplinas cujas bases epistemológicas mais correntes foram fundadas sobre as classes modernas de Sujeito e Objeto. E, entre muitas, destaca-se a comunicação. Esboçamos, também, a partir do conceito de diagrama ontológico exposto por Machado e Romanini (2010), as consequências epistemológicas que a ontologia plana traz para o campo da comunicação.

## 2. A crise das classes epistemológicas modernas

Na obra intitulada *Jamais Fomos Modernos* (1994), Bruno Latour expõe de maneira bem clara e exemplificada sua ideia de antropologia simétrica - em resposta à crise das

---

<sup>5</sup> Por ontologia entende-se o estudo dos aspectos genéricos da realidade como a existência, o tempo, o acaso, a vida, a mente. Segundo o verbete da [Stanford Encyclopedia of Philosophy](#) (2016), há pelo menos duas partes do projeto geral que a filosofia faz da ontologia, a primeira diz sobre o que há, o que existe, de quais coisas a realidade é feita; a segunda diz quais as características mais gerais e as relações das quais estas coisas são feitas.

classes epistemológicas modernas (Natureza-Cultura, Sujeito-Objeto). A modernidade, da qual Latour diz que nunca fizemos parte, traz uma Constituição que garante seu funcionamento. O autor faz uma relação de preceitos que funcionam como *check and balances*, mas que podem ser resumidos na coexistência de uma contradição que a modernidade pratica:

O primeiro conjunto de práticas cria, por “tradução”, misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por “purificação”, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro. Sem o segundo, o trabalho de tradução seria freado, limitado ou mesmo interdito. O primeiro conjunto corresponde àquilo que chamei de redes, o segundo ao que chamei de crítica. O primeiro, por exemplo, conectaria em uma cadeia contínua a química da alta atmosfera, as estratégias científicas e industriais, as preocupações dos chefes de Estado, as angústias dos ecologistas; o segundo estabeleceria uma partição entre um mundo natural que sempre esteve aqui, uma sociedade com interesses e questões previsíveis e estáveis, e um discurso independente tanto da referência quanto da sociedade. (LATOUR, 1994, p. 16)

Latour afirma que, ao mergulharmos em uma realidade híbrida, composta por “embriões congelados, sistemas especialistas, máquinas digitais, robôs munidos de sensores, milho híbrido, bancos de dados, psicotrópicos liberados de forma controlada, baleias equipadas com rádio-sondas, sintetizadores de genes, analisadores de audiência” (LATOUR, 1994, p. 53) etc., tornou-se impossível continuar fingindo que existe essa separação que a modernidade tanto se orgulhava. Para o antropólogo francês, é preciso unir o chamado nó górdio que separava Natureza-Cultura, Humano-Não-humano e Sujeito-Objeto. Só a partir dessa união conseguiríamos realmente compreender a rede que a associação de agentes, ou, como o próprio autor denomina, actantes, produz. “Em definitivo, a ciência não trata nem da realidade, nem do poder, nem da retórica, mas sim dos três de uma vez, enquanto participantes de uma rede de agentes animados e inanimados” (HARMAN, 2015, p. 52, tradução nossa<sup>6</sup>).

Como negação à dicotomia Sujeito/Objeto, Latour cria o conceito de actante. Desenvolvido em seu livro *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede* (2012), o conceito dá contornos mais visíveis de uma ontologia plana, pois actante “se refere a um achatamento das classes epistemológicas modernas (sujeito/objeto, sociedade/natureza) e expressa uma releitura do conceito de social” (SANTAELLA; CARDOSO, 2015, p. 171). O conjunto, o agenciamento desses actantes, que podem ser

<sup>6</sup> "En definitiva, la ciencia no trata ni con la realidad, ni con el poder, ni con la retórica, sino con los tres a la vez en cuanto participan de una red de agentes animados e inanimados." (HARMAN, 2015, p. 52)

homens, objetos, animais, instituições, cadeira, mesa, etc., forma o que Latour entende por ação social.

Na mesma raiz epistemológica dessa crise, exposta aqui por Latour, uma corrente teórica surgirá para tentar desenvolver novas maneiras de conceber o mundo. Entre eles estão Brian Massumi, desenvolvendo uma teoria dos afetos a partir de sua leitura de Deleuze e Guattari; Manuel DeLanda com a teoria dos agenciamentos; Levi Bryant, de suma importância para o atual artigo, capitaneando o movimento denominado realismo especulativo; Donna Haraway com sua teoria socialista-feminista calcada na figura do ciborgue e das relações entre humanos e animais; Eduardo Viveiros de Castro, também importante para o presente artigo, desvelando o perspectivismo ameríndio; e, obviamente, o próprio Bruno Latour com sua antropologia simétrica. Reunidos sob o conceito guarda-chuva de pós-humano, esses teóricos tentarão propor um novo mundo em que o Sujeito humano é descentralizado de forma completa e irrestrita. É nessa seara que surgirá o conceito de ontologia plana.

### 3. Ontologia plana

Depois de um longo período em que o pensamento ocidental relegou aos objetos um papel completamente secundário, condicionando-os à vontade, ao poder, à força, ao intelecto, ao espírito do humano, como se fossem meros veículos deste, que estaria em uma posição ontológica hierárquica acima, uma leva de filósofos contemporâneos aparecem com uma série de textos e teorias que buscaram resgatar a importância da agência entre humanos e não-humanos.

Essa antologia de textos encontra-se em uma corrente específica, dentro do pós-humanismo, chamada de realismo especulativo. Entre os nomes que fazem parte dela, destacam-se Quentin Meillassoux, Ray Brassier, Iain Hamilton Grant, Slavoj Žižek, Nick Srnicek, Graham Harman e Levi R. Bryant. É difícil encontrar um ponto comum explícito entre o pensamento de todos esses teóricos, no entanto, todos certamente rejeitaram o foco tradicional no texto crítico, recuperando o senso pré-crítico da especulação (BRYANT, SNIRCEK, HARMAN, 2011). Também chamado de novo materialismo, esse movimento encontra a síntese perfeita na explicação de Zizek (apud BRYANT, SNIRCEK, HARMAN, 2011, p. 5, tradução nossa<sup>7</sup>), “materialismo significa que a realidade que eu vejo nunca é o “todo”, não porque uma grande parte me escapa, mas porque contém uma mancha, um

---

<sup>7</sup> “Materialism means that the reality I see is never “whole”—not because a large part of it eludes me, but because it contains a stain, a blind spot, which indicates my inclusion in it” (BRYANT, SNIRCEK, HARMAN, 2011, p.5)

ponto cego, o que indica a minha inclusão nela”. A virada especulativa é a afirmação de que o movimento em direção ao realismo não é uma direção a sua limitação intrínseca do senso comum, mas sim um avanço ao que é, muitas vezes, assumidamente bizarro (BRYANT, SNIRCEK, HARMAN, 2011).

É a partir do realismo especulativo de Levi Bryant, portanto, que discutiremos o panorama de uma ontologia planificada proposta pelo autor, onde as condições hierárquicas não são determinadas *a priori*, mas de acordo com sua rede de agentes e associações. Bryant, desta forma, responde as ambições da virada especulativa, que traz em sua raiz epistemológica a negação do antropocentrismo kantiano, das essências platônicas, ao mesmo tempo em que tenta avançar sobre teóricos pós-estruturalistas como Gilles Deleuze e Felix Guattari, que “estabeleceram o reino ontológico assubjetivo do devir, com o sujeito e seu pensamento sendo apenas um produto final e residual desses movimentos ontológicos primários” (BRYANT, SNIRCEK, HARMAN, 2011, p. 4, tradução nossa<sup>8</sup>).

Outro conceito que será caro ao artigo é o de perspectivismo do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro. Ao evidenciar uma metafísica das tribos ameríndias, o antropólogo pós-estruturalista também desvela uma ontologia plana, mas com características peculiares que não são suscitadas pela teoria de Bryant.

Agenciando essas duas maneiras de se conceber uma ontologia achatada, acreditamos ter escopo suficiente para exemplificar de forma mais adequada as condições ontológicas operadas no filme *Mistérios e paixões* e os esboços de suas consequências epistemológicas para o campo da comunicação.

### 3.1 A ontologia plana segundo Levi Bryant

Para entender como o filósofo estadunidense Levi Bryant desenvolve a ideia de ontologia plana, é preciso entender a diferença entre duas maneiras de se conceber o mundo: uma transcendente e outra imanente. Se assumirmos que existe uma hierarquia entre as entidades postas em agência, chegaremos até uma transcendência ontológica, que se contrapõe a uma imanência ontológica. Enquanto a primeira se refere a algo que está além do mundo, a segunda diz sobre as criaturas que estão no mundo, que tem capacidade de interagir e afetar mutuamente umas com as outras. Uma visão transcendente nos levará a uma ontologia vertical, portanto.

---

<sup>8</sup> "Deleuze and Guattari set forth an ontological vision of an asubjective realm of becoming, with the subject and thought being only a final, residual product of these primary ontological movements." (BRYANT, SNIRCEK, HARMAN, 2011, p. 4)

Bryant (2011a) exemplifica essa ontologia vertical a partir da forma platônica de Belo. O autor põe em relação um peixe tropical e sua beleza. Ao afirmarmos que existe um peixe tropical bonito, temos, partindo da ontologia vertical platônica, um peixe tropical que participa do Belo, enquanto o Belo é apenas participado. Em suma, a ideia de Beleza não muda nem se afeta com o fato do peixe tropical ser bonito, mas, ao contrário, se torna a condição para existir beleza no peixe tropical.

A forma do "Belo" na ontologia platônica (...) existe independente de outras substâncias. O Belo, a forma, ainda existiria. O Belo, a forma, é participado, enquanto o peixe tropical participa dessa forma por ser bonito. A forma é uma condição ontológica para a beleza do peixe tropical. (BRYANT, 2011a, p. 2, tradução nossa<sup>9</sup>)

Uma ontologia, ao contrário, integra uma ontologia baseada na imanência, ou seja, em uma ontologia plana. Ontologia é a variante de Bryant (2011a) da Ontologia Orientada ao Objeto: é a tese de que “ser” é composto inteiramente de coisas ou entidades individuais. “Dentro dessa perspectiva, pedras são objetos, quarks são objetos, corporações são objetos, meu gato é um objeto e humanos são objetos” (BRYANT, 2011a, p. 4, tradução nossa<sup>10</sup>). Para atingirmos essa superfície de agentes interagindo mutuamente, é preciso de uma ontologia que seja feita exclusivamente de objetos únicos e singulares, diferindo de escala no espaço-tempo, mas não de status (BRYANT, 2011a). Não há formas ou essências superiores nem inferiores. A ontologia plana de Bryant parte, portanto, da premissa de que o mundo é composto por entidades que podem afetar um ao outro, retirando qualquer possível hierarquia ou condicionamento.

É importante ressaltar que, ao desenvolver com maior acuidade essa ideia, percebemos de certa forma um "rebaixamento" do humano ao status de objeto. Dessa forma, surgem algumas dúvidas em relação a predominância das agências dessa nova ontologia em que o humano é colocado. Veremos, a seguir, que Eduardo Viveiros de Castro faz exatamente o oposto, pois eleva todos os objetos (não-humanos em geral) ao status de humano - ou seja, também achata-se o plano ontológico, mas de forma diferente. É na crítica da ontologia objetivante de Bryant pela ontologia subjetivante de Viveiros que a praticidade de se conceber uma ontologia plana será elucidada.

<sup>9</sup> "The form of "Beauty", in Platonic ontology, (...) exists independently of all other substances. Beauty, the form, would still exist. Beauty, the form, is the participated, while the tropical fish, insofar as it is beautiful, participates in this form. The form is an ontological condition for the beauty of the tropical fish." (BRYANT, 2011a, p. 2)

<sup>10</sup> "Within this framework, rocks are objects, quarks are objects, corporations are objects, my cat is an object, and humans are objects" (BRYANT, 2011a, p. 4)

### 3.2 A ontologia plana segundo Eduardo Viveiros de Castro

Em *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural* (2015), Eduardo Viveiros de Castro propõe a formulação de um “Anti-narciso” para a disciplina. Tal qual o “Anti-édipo” da dupla Deleuze e Guattari, que procurava quebrar com os principais paradigmas e axiomas da psicanálise através da fusão de Marx e Freud, o “Anti-narciso”, de Viveiros, busca quebrar com os paradigmas que cercam o antropólogo. “A antropologia está pronta para assumir integralmente sua verdadeira missão, a de ser a teoria-prática da descolonização permanente do pensamento” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 20).

Para Viveiros (2015, p. 22), “é preciso tirar todas as consequências da ideia de que as sociedades e as culturas que são objeto da pesquisa antropológica [...] coproduzem as teorias sobre a sociedade e a cultura formuladas a partir dessas pesquisas”. Antes, a fim de alcançar uma antropologia cujo primado esteja em desconstruir conceitos, é preciso

aceitar a oportunidade e a relevância desta tarefa de “pensar autrement” (Foucault) o pensamento - de pensar “outramente”, pensar outra mente, pensar com outras mentes - é comprometer-se com o projeto de elaboração de uma teoria antropológica da imaginação conceitual, sensível à criatividade e reflexividade inerentes à vida de todo coletivo, humano e não-humano. (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 25)

A partir das observações feitas acerca de tribos ameríndias, principalmente as amazônicas, o antropólogo brasileiro descreveu o modo de existência desses “nativos”. O perspectivismo ameríndio advém da crença de que, ao invés de existirem várias almas (culturas) e apenas um corpo (natureza), há vários corpos (naturezas) e apenas uma alma (cultura). Esse modo multinaturalista de ver o mundo determina que “os animais e outros não-humanos dotados de alma “se veem como” pessoas, e, portanto, em condições ou contexto determinados, “são” pessoas” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 44). Essa ontologia de dupla face permite uma torção radical no conceito cartesiano de alma. Afinal de contas, o perspectivismo afirma a existência de uma única alma (a humana) que pode ser atualizada de diferentes formas, em diferentes corpos (animais, plantas, espíritos, objetos, etc.). A possibilidade de cruzar essas “linhas diplomáticas”, essas diferentes formas de se atualizar sob uma mesma lógica<sup>11</sup>, está materializado na figura do xamã:

<sup>11</sup> Não confundir com o relativismo. No pensamento ameríndio, há um único espírito, uma única forma de ser, o que muda é a maneira que essa “forma de ser” será atualizada. Em outras palavras, “o perspectivismo supõe uma epistemologia constante e ontologias variáveis: mesmas representações, mas outros objetos; sentido único mas referências múltiplas” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 46)

O xamanismo ameríndio pode ser definido como a habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais entre as espécies a adotar a perspectiva de subjetividades “estrangeiras”, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos. (...) se o multiculturalismo ocidental é o relativismo como política pública (a prática complacente da tolerância), o perspectivismo xamânico ameríndio é o multinaturalismo como política cósmica (o exercício exigente da precaução). (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 49)

Em suma, essa “ontologia de dupla face” que fala o autor, também se mostra planificada, pois “a humanidade permanece imanente, reabsorvendo a grande maioria dos focos de transcendência que se acendem sem cessar na vasta floresta densa, diversa e abundante que é o *socius* amazônico” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 179). No perspectivismo, planifica-se a ontologia pela multiplicidade de atualizações da “univocidade do ser”, que está em constante diferenciação. Em contraponto à ontologia de Byant, na qual todos éramos objetos, no plano ontológico ameríndio, todos (humanos, animais, objetos, doenças, espíritos, etc.) somos potencialmente humanos, por isso, de certa forma, todos somos, ou já fomos em algum momento da pré-indivuação, humanos. Vale ressaltar, no entanto, que essa afirmação não deve beirar um bom selvagem rousseauiano ou alguma teoria idílica no estilo “antropologia Disney”, pois nessa ontologia onde “toda coisa é humano, o humano é toda uma outra coisa” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 54).

### 3.3 Perspectivismo e ontologia

Bryant (2011a) diz que, ao afirmar a individualidade e a independência de várias criaturas, ao mesmo tempo em que pensamos elas em relações umas com as outras, faz-se necessário um tipo de lógica diferente. Essa nova lógica implicará três condições: a) é preciso consistir em uma pluralidade de seres individuais; b) é preciso tomar como base a máxima deleuzeana de que ser é diferir<sup>12</sup> (DELEUZE, 2006) - em outras palavras, mesmo que haja uma única entidade em todo o ser, esse ser ou entidade ainda seria uma diferença; e c) na medida em que o ser imanente é a diferença, relações não podem ser internas às entidades, mas antes, externas a elas (BRYANT, 2011a). A fim de se pensar estas três condições juntas, Bryant recorre a outro conceito deleuzeano: o de multiplicidade.

<sup>12</sup> A diferença que Bryant (2011a) remete aqui é tirada da teoria de Gilles Deleuze, diferença e repetição (2006). Para Deleuze, diferença não é a negação “x não é y”, nem a diferença entre x e y, mas sim uma afirmação positiva da diferença. Como exemplo, Bryant (2011a, p. 7) cita a temperatura de ebulição da água, que não nega outra temperatura, antes, ela afirma positivamente a sua. “The being of the boiling point is a difference that is what it is regardless of whether or not any other temperatures ever occur.” (BRYANT, 2011a, p. 7)



A multiplicidade – e aqui percebe-se que é usada como substantivo ou nome – não é a unidade do Uno e do Múltiplo, mas antes uma heterossíntese, um agenciamento de muitos enquanto tal. (...) Não há uma unidade na multiplicidade que esteja acima ou abaixo de suas relações com o Múltiplo, mas antes essas relações externas no Múltiplo são a multiplicidade. A multiplicidade é, portanto, uma organização que pertence ao múltiplo de tal maneira que os termos, ou indivíduos, que compõe essa organização mantém sua independência ou a exterioridade de suas relações. (BRYANT, 2011a, p. 9, tradução nossa<sup>13</sup>)

Dentro dessa ontologia plana, não há diferença entre sujeito e objeto, nem oposição entre natureza e cultura. Mas antes um “agenciamento, dentro de sua própria multiplicidade, atos necessários em fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais simultaneamente” (DELEUZE E GUATTARI apud BRYANT, 2011a, p. 10, tradução nossa)<sup>14</sup>. Recordemos aqui de Latour e seus conceitos expostos anteriormente. A ontologia plana vem para abolir justamente o pressuposto de separação no qual a modernidade foi fundada - a tese exposta em *Jamais Fomos Modernos* (1994). Sua Constituição estabelecia dois domínios que nunca deveriam se cruzar - análises das ciências sociais jamais poderiam se referir a entidades naturais, mas apenas a intenções, sentidos, conceitos e significados, e quando se referisse a objetos não-humanos, eles deveriam servir apenas para carregar significados, espíritos e intenções humanas. Já as ciências naturais jamais deveriam ser contaminadas pelo cultural, mas apenas se referir a causas mecânicas (BRYANT, 2011b). Na ontologia plana, ao contrário, tudo isso está misturado. Os híbridos são exaltados, assim como a possibilidade de um afetar o outro.

uma ontologia vertical [é o terreno] onde objetos não humanos são apenas veículos de intenções, sentidos, significados, usos e valores humanos. O mundo é tratado como um texto alienado. A causa aqui é unilateral. Em contraponto, o heteroverso da ontologia plana e da lógica das multiplicidades demandam um entendimento multilateral das causas, onde nenhuma agência em particular é determinante em um agenciamento de última instância. (BRYANT, 2011a, p. 12, tradução nossa<sup>15</sup>)

No entanto, é de se pensar se é possível um agenciamento sem agência predominante, uma rede sem um ponto específico pelo qual começamos a descrevê-la. Para

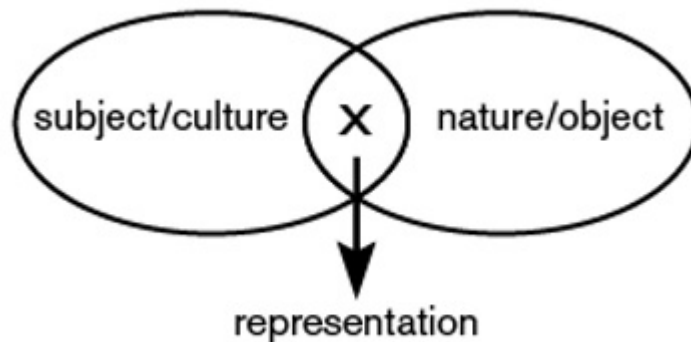
---

<sup>13</sup> "A multiplicity - and here it should be noted that it is used as a substantive or noun - is nota a unity of the One and the Many, but is rather a "heterosynthesis", an assemblage, of the many as such. (...) There is no unity in a multiplicity over and above these relations among the many but rather these external relations between the many just are the multiplicity. A multiplicity is thus an organization that belongs to the many such that the terms or individuals that compose this organization retain their independence or the exteriority of their relations." (BRYANT, 2011a, o. 9)

<sup>14</sup> "assemblage, in its multiplicity, necessarily acts on semiotic flows, material flows, and social flows simultaneously." (BRYANT, 2011a, p. 10)

<sup>15</sup> "a vertical ontology wherein nonhuman objects are but vehicles or carriers of human intentions, meanings, significations, uses, and values. The world is treated as an alienated text. Causation here is unilateral. By contrast, the heteroverse of flat ontology and a logic of multiplicities demands a multilateral understanding of causation where no one agency is determinative of an assemblage in the last instance." (BRYANT, 2011a, p. 12)

Bryant (2011c), o problema entre sujeito e objeto, natureza e cultura, começa pela representação:



(BRYANT, 2011c, p.1)

O sujeito está sempre representando o objeto em seus termos e por isso nunca conhecemos o objeto em sua realidade (BRYANT, 2011c). Como o realismo é o que interessa ao filósofo estadunidense, ele precisa, com sua ontologia, eliminar a mente ou ponto de intencionalidade que "determina se as nossas representações mapeiam alguma coisa da realidade externa" (BRYANT, 2011c, p. 1, tradução nossa<sup>16</sup>). O que existe, portanto, é a realidade externa com sua pluralidade de coisas.

Mas há outras maneiras de se pensar uma ontologia plana. Para a modernidade ocidental, sabemos, “conhecer é “objetivar”; é poder distinguir no objeto o que lhe é intrínseco do que pertence ao sujeito cognoscente, e que, como tal, foi indevida e/ou inevitavelmente projetado no objeto” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 50). Em outras palavras, “nosso jogo epistemológico se chama objetivação; o que não foi objetivado permanece irreal e abstrato. A forma do Outro é a coisa” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 50). No perspectivismo ameríndio, ao contrário,

conhecer é “personificar”, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido. (...) A forma do Outro é a pessoa. Poderíamos dizer que a personificação ou subjetivação xamânicas refletem uma propensão geral a universalizar a “atitude intencional” identificada por certos filósofos modernos da mente (ou filósofos da mente moderna) como um dos dispositivos inferenciais de base. (...) o conhecimento verdadeiro visa à revelação de um máximo de intencionalidade, por via de um processo de “abdução de agência” sistemático e deliberado. (...) O sucesso interpretativo é diretamente proporcional à ordem de intencionalidade que se consegue atribuir ao objeto ou noema. (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 51)

Neste terreno, passamos a conceber o mundo e seus actantes de uma maneira completamente diferente, na qual "conhecer não é mais um modo de *representar* o

<sup>16</sup> “to determine whether our representations map on to any sort of external reality.” (BRYANT, 2011c, p. 1)

desconhecido, mas de *interagir* com ele" (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 111, grifos do autor). Mais que o simples conhecer enquanto tradução da coisa Outra em meus termos, é o conhecer enquanto encontro que importa aqui. "A tarefa do conhecimento deixa de ser a de unificar o diverso sob a representação, passando a ser a de "multiplicar o número de agências que povoam o mundo" (Latour 1996a)", criando, assim, "uma nova imagem do pensamento" (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, pp. 111-112). Ao invés de pensar a agência dos objetos abolindo a agência dos humanos, tal como faz Bryant, o perspectivismo ameríndio vê os objetos enquanto potencialmente humanos. Bryant precisa destruir o Eu para dar lugar ao Outro. No perspectivismo ameríndio, o Outro é um outro Eu - e, conseqüentemente, o Eu torna-se, também, um Outro.

#### 4. Ontologia plana em *Mistérios e paixões*

O filme *Mistérios e paixões* (no original, *Naked Lunch*), do diretor canadense David Cronenberg, é uma adaptação do livro homônimo (lançado no Brasil como "Almoço nu") escrito por William Burroughs. Não nos interessa aqui o estatuto do filme como adaptação. A filmografia de Cronenberg é toda ela permeada pelo tema do acoplamento entre humano e não-humano, portanto, o filme foi escolhido em função da proeminência que o assunto do pós-humano e do actante detém em relação ao restante da obra do diretor.

O que nos interessa, especialmente, se encontra na diegese fílmica, ou seja, nas relações traçadas entre os corpos dos personagens dentro da narrativa. E a narrativa do filme é um tanto confusa, ou seja, não se propõe a uma verdade. Em certos momentos, Bill Lee é um escritor em crise, com dificuldades de escrever seu próximo livro; em outros, é um exterminador de baratas; em outros, ainda, é um agente secreto de uma misteriosa organização. Em nenhum momento é colocada explicitamente a diferença entre o que é realidade e o que é delírio, por isso tomamos tudo o que vemos como elementos de igual pertencimento à narrativa fílmica.

No final da primeira meia hora de filme, Bill Lee está trabalhando como um agente secreto em busca de eliminar uma organização rival, a "Interzoned Incorporated". Depois de comprar uma máquina de escrever para datilografar um relatório para seus superiores, a máquina transforma-se num amálgama inseto-máquina de escrever, e esta pede (com sua boca em formato de ânus) para que Bill insira uma frase no seu relatório. Assim, a frase "a homossexualidade é o melhor disfarce que um agente pode ter" é inserida no relatório do agente secreto. Nessa cena, ao contrário do que se costuma acreditar, o humano é movido

pela própria máquina a escrever essas palavras e, portanto, não podendo ser colocado como o "autor" das mesmas. Ainda assim, Bill leva esse conselho da máquina adiante, como se fosse um pensamento seu.

Dessa forma, tal como Nietzsche disse certa vez em uma carta, "nossos materiais de escrita contribuem em parte para nosso pensamento" (KITTLER, 1990, p. 196, tradução nossa<sup>17</sup>). Num paradigma em que sujeito e objeto estão claramente definidos, humanos na primeira categoria, máquinas de escrever na segunda, esta cena do filme de Cronenberg seria um mero acesso de loucura. Mas se pensarmos a partir de uma ontologia plana e perspectivista, é possível compreender esta cena como o momento em que a alma virtual, a humanidade, atualiza-se na natureza-máquina de escrever, esta tornando-se um agente dotado de intencionalidade (e desejo, já que a máquina geme a cada letra datilografada nela). A partir da concepção do Outro personificado, podemos começar a compreender como os aparatos técnicos, também eles, criam linguagem e influenciam o pensamento humano - pensamento no qual toda pessoa participa e do qual é participada. Assim, Bill e sua máquina de escrever, dois corpos da mesma alma, funcionam verdadeiramente como actantes, "isto é, aquele que faz o outro fazer" (SANTAELLA, CARDOSO, 2015, p. 170).

## 5. Considerações finais

Pensar o cinema e a comunicação a partir de uma ontologia plana traz consequências epistemológicas importantes para o campo da comunicação. Subjaz, aqui, a crítica a uma visão positivista dos fenômenos comunicativos, visão esta que opta “por um cientificismo objetivista e materialista e, conseqüentemente, por uma ontologia rasa dos objetos” (MACHADO, ROMANINI, 2010, p. 90). Para tanto, a crítica se faz a partir da elaboração de um diagrama ontológico, este que é

a condição de possibilidade da comunicação porque articula a rede de relações que emerge da percepção estética (espaço-temporal), funcionando como uma interface entre a espécie cognoscente e o fluxo de informação que a une ao mundo. Eliminam-se, dessa forma, as dicotomias interno-externo, emissor-receptor, sujeito-objeto, em prol de uma visão sistêmica baseada na continuidade dos processos de informação e significação (MACHADO, ROMANINI, 2010, p. 91)

Tal diagrama, pois, “entende por comunicação a mutualidade das relações em processos interativos, e não o determinismo linear” (MACHADO, ROMANINI, 2010, p. 92). A ideia de ontologia plana nos parece aqui essencial ao funcionamento desta crítica epistemológica da comunicação. Mais do que isso, o achatamento ontológico parece nos

<sup>17</sup> “Our writing materials contribute their part to our thinking” (KITTLER, 1990, p. 196)

levar inevitavelmente a uma semiótica da comunicação, própria de um regime fenomenológico. Posto que a

Semiótica da Comunicação constitui uma abordagem que entende a comunicação como um problema semiótico, ou seja, como processo interativo num universo composto por sistemas e subsistemas abertos organizados por meio de fluxos de informação, em que a ação dos signos, ou semiose, é o fenômeno fundamental. (MACHADO, ROMANINI, 2010, p. 91)

Aqui, porém, caberia um novo nível de problematização que precisaria ser mais esmiuçado. O objetivo desse texto é expor que, se a comunicação deseja se separar do paradigma moderno e criticar o positivismo latente no ambiente comunicacional, é necessária uma reflexão a respeito de suas classes ontológicas, melhores vistas no par Sujeito/Objeto, par esse que se reflete não só no modelo matemático da comunicação Emissor/Receptor, mas em outros. A ontologia plana criticaria, enfim, essa dicotomização essencialista onde quer que ela apareça, dos estudos de recepção, que empoderam o Sujeito-Receptor através da opinião que este detém sobre a mensagem, até os estudos que buscam compreender a romântica inventividade pessoal de um Sujeito-Emissor na elaboração de uma dada mensagem.

Esse Sujeito precisa ser confrontado com a potência do Outro, não apenas para compreendermos mais razoavelmente o processo de comunicação, mas também para compreendermos outros processos que se desvelam à revelia da inventividade ou da opinião de um Sujeito. É na predação mútua entre coisas-pessoas que se torna possível gerar um acoplamento mais razoável e democrático do que vemos hoje no Brasil e no mundo. Viveiros de Castro, ao achatar ontologicamente o mundo através de sua metafísica ameríndia, nos fornece de bandeja os conceitos primordiais do que o próprio antropólogo chama de uma metafísica da predação, onde o “eu” “se determina como ‘outro’ pelo ato mesmo de incorporar este outro, que por sua vez se torna um ‘eu’, mas sempre *no* outro, *através* do outro (‘através’ também no sentido solecístico de ‘por meio de’). (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 159, grifos do autor).

Aqui invoca-se Joan Lee, esposa do exterminador de baratas, em *Mistérios e paixões*, ao se drogar com inseticida e afirmar estar em uma “viagem-Kafka”. Ou seja, a personagem não está em uma viagem de Kafka, pelos olhos de Kafka, mas em uma “viagem-Kafka”, num mundo possível que conceitos desse pensamento *outro* projeta em um *eu*. Se cabe de direito à antropologia a tarefa de “multiplicar nosso mundo, ‘povoando-o de todos esses exprimidos que não existem fora de suas expressões” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 231), cabe à comunicação um corajoso esforço inter e transdisciplinar

para explicar como se agenciam essas multiplicidades exprimidas ‘que não existem fora de suas expressões’.

## Referências

BRYANT, Levi R. A logic of Multiplicities: Deleuze, Immanence and Onticology. In: **Analecta Hermeneutica**, v. 3, 2011a

BRYANT, Levi. The Ontic Principle: Outline of an Object-Oriented Ontology. In: BRYANT, L.; SRNICEK, N.; HARMAN, G. **The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism**. Melbourne: re.press, 2011b, pp. 261-278

BRYANT, Levi R. **The Democracy of Objects**. Open Humanities Press, 2011c

BRYANT, L.; SRNICEK, N.; HARMAN, G. Towards a Speculative Philosophy. In: BRYANT, L.; SRNICEK, N.; HARMAN, G. **The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism**. Melbourne: re.press, 2011, pp. 1-19

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FELINTO, Erick; SANTAELLA, Lucia; **O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo**. São Paulo: Paulus, 2012

HARMAN, Graham. Bruno Latour, el señor de las redes. In: HARMAN, Graham. **Hacia el realismo especulativo**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2015, pp. 39-71

KITTLER, Friedrich A. Nietzsche: Incipit Tragoedia. In: KITTLER, F. A. **Discourse Networks 1800/1900**. Stanford: Stanford University Press, 1990, pp. 177-205

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Ed. 34, 1994

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012

MACHADO, Irene.; ROMANINI, Vinícius. Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura. In: **Revista FAMECOS**, v. 17, n. 2, 2010, pp. 89-97

MISTÉRIOS E PAIXÕES. Direção: **David Cronenberg**. Produção: Jeremy Thomas. 20th Century Fox Film Corporation, 1991.

LOGIC AND ONTOLOGY. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em:  
<<http://plato.stanford.edu/entries/logic-ontology/#Ont>>. Acesso em: 14/07/2016.

SANTAELLA, Lucia.; CARDOSO, Tarcísio. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. In: **MATRIZES**, v. 9, nº 1, 2015, pp. 167-185

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 1 Ed., 2015.